

# UM RECORTE SOBRE A LEITURA E O LEITOR

Maria Elizabeth Fonseca Saraiva \*

## RESUMO

Neste texto são discutidas as diferentes perspectivas sob as quais as noções de leitura e leitor podem ser focalizadas. Ao mesmo tempo, procura-se dar atenção especial às idéias de Ortega y Gasset (1959) a esse respeito.

Seja qual for a perspectiva sob a qual se considere o tema deste texto, falar de leitura é focalizar o sentido. O que coloco em discussão, portanto, é o modo como as várias teorias têm apresentado a leitura, o leitor e o texto.

Na atualidade, como se sabe, há uma vasta literatura sobre o assunto. Procura-se abordá-lo sob diferentes ângulos, levantando-se questões diversas, oferecendo-se, muitas vezes, mais perguntas que respostas, indicando-se, assim, todo um território a ser ainda explorado, e que se apresenta como um desafio para os estudiosos da área.

Revedo parte dessa literatura, anotando pontos de divergência e convergência, na busca do “espaço” onde o meu recorte seria feito, eis que me deparo, novamente, com o texto “The difficulty of reading” de Ortega y Gasset (1959). Com que prazer aí identifiquei, expostas numa linguagem muito clara, questões que ainda são bem atuais e hoje se recodificam à luz das novas teorias. Vejamos o seguinte trecho:

*Ler, ler um livro, é, como todas as demais ocupações realmente humanas, uma tarefa utópica. Eu chamo utópica toda ação cuja intenção inicial não pode ser cumprida no desenrolar de sua atividade e que tem que ser satisfeita com aproximações essencialmente contraditórias em relação aos objetivos que deram início a ela. Assim “ler” começa significando o projeto de compreender um texto completamente. Ora isso é impossível. É somente possível, com grande esforço, extrair uma porção mais ou menos*

\* Universidade Federal de Minas Gerais.

*importante do que o texto tentou dizer, comunicar, fazer conhecido; mas sempre permanecerá um resíduo ilegível. Por outro lado, é provável que, enquanto estamos fazendo este esforço, possamos ler, ao mesmo tempo, no texto; isto é, possamos entender coisas que o autor não “pretendia” dizer e, todavia, ele as “disse”; ele no-las apresentou involuntariamente – ainda mais, contra seus objetivos confessados. Essa dupla condição do discurso, tão estranha e antitética, aparece em dois princípios dos meus “Axiomas para uma Nova Filologia”, que são:*

- 1) *Toda elocução é deficiente – ela diz menos do que deseja dizer.*
- 2) *Toda elocução é exuberante – ela transmite mais que planeja.* (Ortega y Gasset, 1959, p. 1-2)

Explorando a antítese da exuberância e da deficiência do texto, Ortega y Gasset antecipa o “não-dito” de Ducrot (1977), retomado por Eco sob a metáfora dos “espaços brancos, dos interstícios a serem preenchidos” (Eco, 1986, p. 37). Antecipa, ainda, o que seria denominado por Orlandi (1986) o jogo entre a “paráfrase e a polissemia”, ao qual Carlos Drummond de Andrade se refere como uma “segunda verbalização”.

Chamemos, a propósito, o testemunho do poeta, expresso numa carta à Prof<sup>a</sup> Maria Luiza Ramos, a respeito da leitura que esta fizera de um texto seu:

*Eu não me dava conta da insistência da coisa natural árvore na minha poesia, que considerava apenas como objeto circunstancial e não com o significado cósmico que você lhe aponta. Sabe como é que a gente compõe?*

*Sem saber que está fazendo uma segunda verbalização da coisa descrita ou narrada... E essa segunda verbalização é, no fundo, por misterioso que pareça, a verdadeira. A outra: um exercício direto de exposição de coisas, exteriores ou interiores. Você me deu o segundo sentido da poesia que no fundo é o primeiro. Fiquei feliz de ser assim “contado” a mim mesmo (...).* (C. D. de Andrade, apud Ramos, 1984, p. 201)

Voltemos, mais uma vez, a Ortega y Gasset. Após focalizar o texto nas suas propriedades de “deficiência e exuberância”, o autor introduz o leitor enquanto co-agente da produção de sentido, em consonância com o que, posteriormente, Kato denominaria “leitor reconstrutor”, que se opõe a “leitor analisador” (Kato, 1985, p. 2-61). Ao mesmo tempo, situa duas perspectivas sob as quais a leitura pode ser concebida, também objeto de discussão em várias obras atuais sob o tema. Observem-se as seguintes considerações:

*(...) esta dádiva impremeditada que a exuberância do discurso nos proporciona não compensa a sua deficiência essencial e não torna a operação de ler mais bem sucedida, se por ler entendemos meramente compreender o que o autor desejava dizer. Mas precisamente o fato de que cedo percebemos que uma boa parte daquilo que o autor realmente está dizendo nos escapa (...) revela-nos que ler não pode consistir em apenas receber o que as frases escritas derramam sobre nós, que ler não é somente passar o texto por alto, mas é necessário nos desenredarmos do texto, abandonarmos nossa passividade e construirmos laboriosamente (...) toda a realidade mental não expressa nele, mas que*

*é indispensável para compreendê-lo mais satisfatoriamente (...). O resultado disso é que todo texto parece-nos um mero fragmento de um X inteiro que é necessário reconstruir.* (Ortega y Gasset, 1959, p. 2)

Aqui está, pois, a semente do conceito de que a leitura é produzida, de que a leitura é “o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação.” (Orlandi, 1986, p. 193)

Conceber o texto como lugar de sentidos é resgatá-lo da concepção da linguagem apenas como instrumento de comunicação. É falar da intertextualidade, é falar da sua relação com a experiência do leitor, tanto no que concerne à competência gramatical deste quanto ao seu conhecimento de mundo, sua ideologia, etc.

Desse modo, sinto-me à vontade para, neste momento, estabelecer um recorte que focalize um desses aspectos, o *leitor*, à luz dos pressupostos de Kato em **O aprendizado da leitura**.

No capítulo “Leitor: de analisador a reconstrutor”, a autora procura descrever as várias hipóteses sobre os processos mentais subjacentes à leitura, focalizando especialmente aquela que considera a leitura como um processo em que se reconstrói o planejamento do discurso feito pelo escritor.

De início, porém, aponta duas concepções radicais na área de compreensão e leitura, hoje denominadas como “hipótese ascendente” (“bottom-up”), ou dependente do texto, e “hipótese descendente” (“top-down”), ou dependente do leitor.

Na realidade, contudo, ambas as hipóteses mantêm o texto como unidade formal, com significado próprio, embora a primeira lhe confira um papel maior que a segunda.

De acordo com o modelo ascendente, o leitor proficiente é aquele que “analisa cuidadosamente o ‘input’ visual e que sintetiza o significado das partes menores para obter o significado do todo”. (Kato, 1985, p. 52)

Já para a hipótese descendente, o leitor ideal é o que joga com seus conhecimentos prévios e sua capacidade inferencial para predizer o que o texto comunica, utilizando o “input” visual apenas para reduzir incertezas.

Na opinião de Kato, é possível conciliar essas posições antagônicas numa concepção de leitura segundo a qual os dois processos representem duas possibilidades complementares, ou seja: “(...) se a leitura for vista como uma interação entre leitor e texto, sem privilegiar ou depreciar o valor dos dados lingüísticos, que teriam, entre outras, uma função restritiva em relação ao uso excessivo de predições” (op. cit., p. 53). Por conseguinte, o leitor ideal é aquele que usa adequadamente os dois processos.

À luz das chamadas “regras conversacionais”, deve-se mencionar, ainda, o conceito de “leitor cooperativo”. Observe-se que, neste caso, a leitura é concebida como um ato de comunicação regido por um “contrato de cooperativismo”. Portanto

há “regras comunicações” que regulam a atuação tanto do escritor como do leitor.

Quanto ao primeiro, ser cooperativo significa informar na medida certa, ser sincero, relevante e claro. Por sua vez, o leitor “deverá compreender o objetivo do autor, acreditar em sua sinceridade, procurar a relevância dos sub-objetivos ao objetivo central e esperar que os objetivos venham codificados através de recursos lingüísticos mais simples”. (Kato, p. 54-55)

Se alguns dos princípios são violados pelo autor, cabe ao leitor imaginar que tal violação tem um propósito. Guiado, pois, pelo princípio do cooperativismo, deverá desvendar o que o autor está tentando dizer. É, assim, na leitura literal do texto que o leitor irá buscar os indícios para significados não literais.

Sabe-se, no entanto, conforme visto anteriormente e testemunhado por Drummond, que a leitura não pode ser considerada um processo que extrai o sentido final do texto, embora este seja o elemento que regula a gama de interpretações possíveis.

Desse modo, Kato situa, finalmente, uma visão diferente dessas últimas, segundo a qual o texto não é apenas uma unidade formal, mas, sobretudo, funcional. Trata-se da concepção de leitura focalizada no trabalho de Orlandi, citado mais acima, e que Kato (p. 57) define como “um ato de reconstrução dos processos de sua produção”. Essa concepção, segundo tal autora, dá conta da interação leitor-autor, visto não se centrar no texto já estruturado, mas na simulação de sua construção. Ou seja: “(...) entendemos o texto imaginando-nos como seus produtores. O texto-produto é visto como um conjunto de pegadas a serem utilizadas para recapitular as estratégias do autor e através delas chegar aos seus objetivos” (op. cit., p. 57). É aqui, então, que se situa o leitor reconstrutor.

Deve-se observar, todavia, que ao falar em leitor reconstrutor, Kato parece estar focalizando principalmente o leitor empírico. Há, porém, uma outra dimensão a ser salientada no que se refere ao leitor: trata-se do destinatário inscrito no próprio texto, considerado no próprio ato de produção, ao qual Eco (1986) denomina “Leitor-Modelo”. Vejamos o que nos diz esse escritor:

*Para organizar a própria estratégia textual, o autor deve referir-se a uma série de competências (...) que confirmam conteúdo às expressões que usa. Ele deve aceitar que o conjunto de competências a que se refere é o mesmo a que se refere o próprio leitor. Por conseguinte, preverá um Leitor-Modelo capaz de cooperar para a atualização textual como ele, autor, pensava, e de movimentar-se interpretativamente conforme ele se movimentou gerativamente (...). (Eco, 1986, p. 39)*

Assim, ao longo do próprio mecanismo gerativo do texto é levado em conta seu destino interpretativo. Por fim, consideremos ainda estas palavras de Eco:

*(...) toda vez que usarmos termos como **Autor e Leitor-Modelo**, sempre entenderemos, em ambos os casos, tipos de estratégia textual. O Leitor-Modelo constitui um*

*conjunto de condições de êxito, textualmente estabelecidas, que devem ser satisfeitas para que um texto seja plenamente atualizado no seu conteúdo potencial.* (Eco. 1986, p. 45)

Em suma: neste artigo, ao tecer as malhas do diálogo intertextual sobre a leitura e o leitor, procurei situar a posição de Ortega y Gasset, lembrando a atualidade de suas palavras.

### ABSTRACT

This text discusses the concepts of reading and reader according to different points of view. It gives special attention to the ideas of Ortega y Gasset (1959) on this matter.

### Referências bibliográficas

- DUCROT, Oswald. *Princípios de semântica lingüística: dizer e não dizer*. São Paulo: Cultrix, 1977.
- ECO, Umberto. *Lector in fabula*. São Paulo: Perspectiva, 1986.
- KATO, Mary. *O aprendizado da leitura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.
- ORLANDI, Eni Pulcinelli. *A linguagem e seu funcionamento: as formas do discurso*. Campinas: Pontes, 1987.
- ORTEGA Y GASSET, José. The difficulty of reading. *Diogenes*, n. 28, Winter, 1959. (Texto com referência incompleta).
- RAMOS, Maria Luiza. Além do princípio da imaginação. In: WALTY, I., OLIVEIRA, L. C. (Org.). *Ensaio de Semiótica*. Belo Horizonte: FALE/UFMG, p. 179-201, 1984.